revisitando os conceitos



que lugar para a hipocondria?

MARITZA GARCIA E FERNANDA DIAS

dados históricos

A hipocondria foi introduzida no século IV a.C. por Diocles de Caristo como simples gastrite, e isolada como doença cuja responsabilidade era atribuída à bilis negra, junto à hidrofobia, à mania, à epilepsia e ao delírio, segundo a famosa teoria dos *quatro humores*[1]. Depois foi definida por Hipócrates e Galiano como uma entidade mórbida que alia uma lesão visceral específica a uma psíquica, causada pela tristeza e pelo temor permanente.

[1] Doutrina humoral: sistema constituído pelas contribuições sucessivas da medicina empírica e da filosofia, sintetizada por Hipócrates e sistematizada por Galeno, em quem se reconhece a influência de Platão e Aristóteles.

Entre 1398 e 1560, o termo sai do corpo médico e passa a fazer parte do francês corrente, perdendo o h central (*hypochondria*) e distanciando-se de sua etimologia – "falsas costelas". Quando surge, em 1560, como adjetivo, a palavra hipocôndrio passa a ser utilizada para representar alguém triste, caprichoso, sempre inquieto. A definição médica de hipocondria se modifica em 1781: "afecção nervosa que antigamente se acreditava de origem abdominal e que deixa o doente angustiado com sua saúde"[2]. Nos escritos hipocráticos, a hipocondria aparece ligada à melancolia. Metaforicamente, Hipócrates pensa esse fenômeno como uma espinha que parece cravada nas vísceras, transmitindo a idéia do caráter agudo da doença[3].

[2] Guedeney & Weisbrot. A história da hipocondria (2002, p.32).

[3] *Ibid.*, p.34

No século XVIII, depois que a hipocondria havia sido incluída no rol dos elementos disruptivos do tecido social, Carl von Linné (1763) alinha a hipocondria na categoria "imaginária" das doenças mentais. Sete anos mais tarde, Sauvage de la Croix separa a histeria da hipocondria, que seria apenas "um desgarramento puro e simples do espírito, comprometendo o estado orgânico, principalmente pelo abuso dos remédios e pelos exageros de regimes nos quais se engajam os hipocondríacos"[4]. Ele coloca a hipocondria na classe das vesânias e distingue dois tipos: simples e delirante, inaugurando uma dicotomia que persiste até hoje.

[4] *Ibid.*, p.48.

Logo depois, em 1795, Cullen aproxima a hipocondria da paranóia, entendendo-a como um distúrbio intelectual com desordem do imaginário.

Finalmente, encerrando o século XVIII, temos a classificação pineliana das hipocondrias entre as neuroses, vistas como

afecções do sistema nervoso, sem inflamação nem lesão de estrutura e sem febre. Diz Pinel, no volume 2 de sua *Nosografia filosófica*: "há uma extrema dificuldade de se ter uma idéia correta e precisa da hipocondria e de não a confundir coma histeria ou com a melancolia, pela confusão que reina na maioria dos escritos de medicina, ou por uma vã mistura de teorias estranhas que desfiguraram sua história"[5].

[5] Pinel *apud* Place. *L' hypocondrie: éloge de Dubois d' Amiens* (1986, p.574).

No século XIX, Esquirol classifica a hipocondria na categoria das lipemanias, dando-lhe um lugar que ela manterá junto à depressão.

No fim desse século, há uma discussão médica entre manter a unicidade da hipocondria ou pensá-la como hipocondria maior e menor, de acordo com o que sugere Guislain. A hipocondria maior, que será desmembrada quando a construção da nosografia dos delírios adquire corpo, será ligada ao delírio sistematizado, unindo-se à perseguição e à megalomania. A menor será englobada pela neurastenia, descrita por Georges Beard em 1869. Segundo esse autor, todos os pequenos males do cotidiano estavam ligados à neurastenia: cefaléias, fadiga, distúrbios neurovegetativos, digestivos e sexuais; uma doença que anunciaria o debilitante modo de vida americano, visto em um contexto globalizante do homem. Parece que foi aí que a idéia da hipocondria resvalou para o senso comum, na linguagem popular.

Foi nesse mesmo momento que Jules Cotard descreveu o delírio de negação, no qual o doente expressa, primeiramente, idéias de transformação de um órgão e, depois, a recusa da existência de certas vísceras ou, ao contrário, temas delirantes de grandeza corporal e imortalidade dolorosa. Vai se tornando cada vez mais importante a delicada tarefa de estabelecer um lugar mais preciso para a hipocondria.

No século XX, em 1974, cabe destacar a contribuição de Henry Ei, quando afirma que os hipocondríacos "expressam sua angústia ante os mistérios do corpo ao mesmo tempo que tentam livrar-se dela por meio da incriminação precisa de um órgão"[6]. Ey ressalta um complexo hipocondríaco imanente à natureza humana:

[6] Henry Ey *apud* Guedeney & Weisbrot. A história da hipocondria (*op. cit.*, p.54).

> Mistério e fragilidade do corpo, doença e morte são os aspectos da hipocondria humana que nos assaltam nas entranhas... Basta ouvir as conversas cotidianas da massa dos homens (e principalmente das mulheres), basta observar a sedução que exercem em quase todos os lares a *Larousse médica*, a crônica médica dos rádios ou dos

> jornais, ou a atração perturbadora que operam os atlas e os museus estrangeiros de anatomia sobre a imensa maioria das pessoas, para se convencer de que o complexo hipocondríaco é universal, pressionando e afligindo toda a humanidade.[7]

[7] *Ibid.*, p 55

a hipocondria na obra freudiana

Vemos em Freud que o fenômeno da hipocondria, a vivência do corpo despedaçado, pode estar presente em todas as estruturas e sempre está referido à imagem corporal, ao momento lógico do narcisismo, ao momento da formação do eu, ao mesmo tempo em que toca o mal-estar, o desamparo.

Como este trabalho partiu de uma investigação sobre a megalomania, momento em que o sujeito psicótico encontra certa estabilização, ainda que muito frágil, pela via narcísica, pelo investimento de libido no eu, esse é o momento de trazer a pista freudiana que direcionou nossa pesquisa.

Levando em conta a dinâmica psíquica do aparelho mental, aparato destinado a dar cabo do escoamento das excitações que podem ter efeitos patogênicos, Freud entende que se for impossível ou indesejável a descarga direta ou para fora das excitações, passa a ser indiferente que o processo interno de elaboração seja efetuado em objetos reais ou imaginários. Porém, caso a introversão da libido para objetos irreais tenha ocasionado seu represamento, o processo se diferencia e se complica. Daí vem a frase de Freud sobre a qual estamos trabalhando: "Nos parafrênicos, a megalomania permite uma semelhante elaboração interna da libido que voltou ao eu; talvez apenas quando a megalomania falhe, o represamento da libido no eu se torne patogênico e inicie o processo de recuperação que nos dá a impressão de ser uma doença"[8].

[8] Freud. Sobre o narcisismo, uma introdução (1915/1974, p.102)

Megalomania como "domínio psíquico" de uma quantidade de libido que, quando liberada pela frustração, não se ligou a objetos na fantasia. Uma falha dessa função psíquica (megalomania) "dá margem à hipocondria da parafrenia, e isso é homólogo à angústia das neuroses de transferência"[9], diz Freud.

[9] *Ibid.*

Esse tema é trabalhado pela primeira vez em A etiologia das neuroses. Ao descrever os sintomas crônicos das neuroses de angústia, o primeiro ponto destacado por Freud é a angústia relacionada com o corpo, nomeada, então, como hipocondria.

Em 1895, a hipocondria é vinculada à paranóia:

> O hipocondríaco vai se debater, durante muito tempo, até encontrar a chave de suas sensações de estar gravemente enfermo. Não admitirá pe-

> rante si mesmo que seus sintomas tem origem na sua vida sexual, mas causa-lhe a maior satisfação pensar que seu mal, como diz Moebius, não é endógeno, mas exógeno. Logo, ele está sendo envenenado.[10]

[10] Freud. Rascunho H.: A paranóia (1895/1974, p.295).

O que está implícito nesse texto é que a hipocondria antecede alguma construção delirante – "a chave das sensações" do paranóico –, e também podemos entender a iminência da inserção de um outro que o persegue, tomando-o como objeto de gozo. O sujeito está exposto ao desejo do Outro e precisa dar conta disso de alguma forma, sob o risco de sucumbir ao despedaçamento corporal que experimenta. Notamos um certo empuxo-à-simbolização invadindo o paranóico, por meio dessa busca por um eixo identificatório especular que pode permitir uma reorganização da relação libidinal com o mundo externo. Chegamos a um ponto importante. A dinâmica freudiana da economia libidinal. Estaremos todo tempo referidos a esse período da teorização de Freud e logo voltaremos a isso a fim de verificar do que se trata na hipocondria.

Nas elaborações de Freud, a hipocondria está inserida entre as neuroses atuais, junto à neurastenia e à neurose de angústia. No grupo das neuroses atuais, o afeto é diretamente relacionado à angústia, sem sinal da representação intolerável, sem sinal do material recalcado. Essas neuroses caracterizam-se por uma dificuldade de simbolização.

Talvez por esse motivo, Freud se deterá mais sobre as chamadas psiconeuroses de defesa – em que há sinal do recalque –, sempre em contraponto com as neuroses atuais. Sabemos que o sintoma neurótico vem como resposta à angústia, mas quais poderiam ser as respostas psicóticas? De que maneira a hipocondria pode levar o sujeito a alguma elaboração de sua doença?

[11] Freud. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia" (1894/1974, p.99).

Ainda em 1895, Freud fala em "fobia hipocondríaca"[11], ao debruçar-se sobre a questão do afeto na neurose de angústia. Ele diz que esse afeto tem sempre a mesma tonalidade e que não ocorre uma substituição afetiva, algo que seria da ordem do sintoma, com efeito de metáfora. Por esse motivo, Freud adverte quanto aos limites da análise nesse caso.

[12] Freud. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896/1974, p.171).

Em 1896, pensando a natureza e o mecanismo da neurose obsessiva e sua formação, Freud indica o fato de que a auto-acusação pode se transformar tanto em vergonha quanto em "angústia hipocondríaca"[12]. A possibilidade de perda da imagem corporal, algum dano físico que envolve a auto-acusação neurótica, é incluída no movimento superegóico que supõe a culpa equivalente à relação do sujeito com a castração.

A idéia da perda da ilusão da imagem corporal parece permear as elaborações de Freud sobre a hipocondria, o que, consequentemente, nos leva a questionar se se trata da presença de um real pulsional. Somos levados a concluir que a hipocondria é sinal do corpo despedaçado e, portanto, está mais próxima da pulsão que do significante.

Em seu texto sobre Schreber, diz Freud:

> Considerando o enorme número de idéias delirantes de natureza hipocondríaca que o paciente desenvolveu, talvez não se deva dar grande importância ao fato de algumas delas coincidirem, palavra por palavra, com os temores hipocondríacos dos masturbadores. Parece-me que a hipocondria está, para a paranóia, na mesma relação que a neurose de angústia está para a histeria.[13]

[13] Freud. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (1911/1974, p.65).

Temos ainda uma nota que chama especial atenção à hipocondria em sua relação com a paranóia: "Não se deve deixar de observar, nesse ponto, que não considero fidedigna nenhuma teoria da paranóia, a menos que também abranja os sintomas hipocondríacos pelos quais esse distúrbio quase invariavelmente se faz acompanhar"[14].

[14] *Ibid.*, p.77.

A hipocondria está para a paranóia na mesma relação que a neurose de angústia está para a histeria. De que maneira podemos nos haver com essa indicação, quase um índice clínico de diagnóstico que, sabemos, só poderá ser avaliado sob transferência, à medida que pudermos observar a relação do sujeito com a linguagem, com o Outro?

O primeiro surto de Schreber é descrito por Flechsig como uma perturbação de natureza hipocondríaca, anterior ao início de sua construção delirante. Mais tarde, quando formula teoricamente o narcisismo, sem dúvida tomado pela recente investigação das agruras e construções do delírio de Schreber em suas tentativas de inserir-se no mundo humano mais uma vez, Freud nos diz que quando a megalomania falha, aparece a hipocondria. Ou seja, quando o imaginário se fragiliza, rompendo certa estabilidade que operava, temos uma fragmentação de zonas erógenas clamando por unidade. Seria a hipocondria, então, uma invasão auto-erótica, típica da esquizofrenia? Mas por que Freud a atribui ao paranóico, fixado no estágio narcísico? Haveria alguma localização de gozo possível no delírio hipocondríaco? Indicaria uma tentativa de cura?

Talvez sim, pois, em 1917, quando a alucinação esquizofrênica aparece como análoga ao sonho, Freud acentua a "na-

tureza hipocondríaca do sonho". O que confere o teor hipocondríaco à natureza do sonho é a retirada de todos os investimentos psíquicos do mundo externo para o eu, "tornando possível o reconhecimento precoce das modificações corporais que, na vida de vigília, permaneceriam inobservadas ainda por algum tempo"[15], assim como as sensações costumeiras do corpo podem assumir proporções gigantescas. Se a alucinação é positivada como tentativa de cura em Freud, a hipocondria também poderia ser vista por nós sob esse ângulo. Há uma referência à fala do esquizofrênico como sendo uma "fala hipocondríaca" ou uma "fala do órgão", em 1915[16].

[15] Freud. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1915b/1974, p.230).

[16] Freud. O inconsciente (1915/1974, p.203).

o grão de areia no centro da pérola

Em uma de suas conferências introdutórias, Freud afirma que há uma "íntima conexão clínica" entre as neuroses atuais e as psiconeuroses de defesa. Ele diz que as hipóteses que envolvem as neuroses atuais são "profundas" e com íntimas conexões. Como Freud inseriu a hipocondria entre as neuroses atuais, isso nos é particularmente interessante. Insistindo na diferença, ele faz uso de uma metáfora referida à época em que trabalhou com a biologia marinha: "é como o grão de areia no centro da pérola"[17]. O grão de areia da neurastenia seria a histeria de conversão; o grão de areia da neurose de angústia, a histeria de angústia; e o grão de areia da hipocondria, tanto a esquizofrenia quanto a paranóia.

[17] Freud. Conferência XXIV: o estado neurótico comum (1916/1974, p.455). A biologia entende que a pérola se forma quando algum corpo estranho, como um grão de areia, invade a ostra, que, por sua vez, desenvolve camadas de pele protetoras que endurecem em volta do corpo estranho.

Voltemos, então, à questão sobre a economia libidinal descrita no narcisismo. Vamos ao grão de areia no centro da pérola, ou seja, vamos direcionar nosso olhar para o que liga o fenômeno hipocondríaco a todas as estruturas clínicas. Quando Freud se propõe a estudar o narcisismo, afirma que o principal meio de acesso ao tema é a análise das psicoses. Enquanto as neuroses permitem que se chegue a dados sobre a pulsão ligada a objetos, as psicoses permitem que se conheça a respeito do eu. A hipocondria é citada por ele como um meio de se conhecer melhor o narcisismo.

Freud se refere à distribuição da libido na doença orgânica, de acordo com uma conversa com Ferenczi. As pessoas afetadas por um mal-estar orgânico se desinteressam pelo mundo externo e também retiram seus interesses libidinais de seus objetos amorosos. "Enquanto sofre, deixa de amar". Nos termos da teoria da libido, esta retorna para o eu, sendo devolvida ao mundo externo somente quando o sujeito se recupera, assim como ocorre na condição do sono. "Aqui a libido e o interesse do ego partilham do mesmo destino e são mais uma vez indis-

tingüíveis entre si. O egoísmo do enfermo abrange os dois". Tanto o sono quanto a doença são exemplos de "alterações na distribuição da libido que são resultantes de uma modificação no eu"[18].

[18] Freud. Sobre o narcisismo, uma introdução (*op. cit.*, p.99).

A hipocondria tem sobre a distribuição da libido o mesmo efeito que a doença orgânica. "O hipocondríaco retira tanto o interesse quanto a libido – a segunda de forma especialmente acentuada – dos objetos do mundo externo, concentrando ambos no órgão que lhe prende a atenção". A diferença seria, então, que na doença orgânica as sensações aflitivas são demonstráveis. Contudo, Freud logo acrescenta que devemos supor modificações orgânicas também na hipocondria, mudanças possivelmente presentes ainda em outras neuroses, em que "uma pequena dose de hipocondria se forma regularmente ao mesmo tempo"[19]. Seu exemplo é o da neurose de angústia na histeria, quando as zonas erógenas podem atuar como substitutos dos órgãos genitais e comportar-se analogamente a eles. Considerando a erogenicidade uma característica geral de todos os órgãos, de modo a poder verificar um aumento ou diminuição dela em uma parte específica do corpo, Freud entende que "para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela de investimento libidinal no eu. Tais fatores constituiriam aquilo que acreditamos estar subjacente à hipocondria e aquilo que pode exercer o mesmo efeito sobre a distribuição da libido tal como produzida por uma doença material dos órgãos"[20].

[19] *Ibid.*, p.100

[20] *Ibid.*

A partir desse ponto, Freud menciona a "suspeita" de que a relação da hipocondria com a parafrenia seria semelhante à das outras neuroses atuais (neurastenia e de angústia) com as histerias e neuroses obsessivas. Porém, estariam na dependência da libido do eu e não da libido objetal, como as outras duas: "a angústia hipocondríaca é a contrapartida, enquanto provém da libido do eu, da angústia neurótica"[21].

[21] *Ibid.*, p.101.

A idéia é de que "um represamento da libido do eu" experimentado como desprazer – por conta do aumento de tensão que provoca – se relaciona aos fenômenos da hipocondria e da parafrenia, assim como se relaciona ao "caminho da introversão para a regressão"[22], comum no mecanismo do adoecer e na formação de sintomas nas neuroses de transferência.

[22] *Ibid.*

Essa angústia do psicótico, sob a forma da hipocondria, análoga à angústia das neuroses de transferência, pode ou não ser elaborada. Se na neurose sobrevém o sintoma, "na psicose o processo correspondente consiste numa tentativa de restauração"[23].

[23] Freud. Sobre o narcisismo, uma introdução (*op. cit.*, p.101)

a perda da unidade corporal

Em uma conferência proferida em 1951 na British Psycho-Analytical Society, chamada Algumas reflexões sobre o eu, Lacan indica duas formulações em torno do eu, à primeira vista contraditórias, em Freud:

- na teoria do narcisismo, em que o eu se volta contra o objeto, na lógica da economia libidinal. "O investimento do próprio corpo pelas cargas libidinais gera as penúrias da hipocondria, enquanto a perda do objeto produz uma tensão depressiva que pode culminar no suicídio"[24].
- na teoria tópica do funcionamento do sistema percepção-consciência, em que o eu se representa pelo objeto e resiste ao isso, ou seja, resiste às tendências por onde o princípio do prazer governa.

[24] Lacan. *Algumas reflexões sobre o eu* (2000, p.31).

Lacan desfaz a contradição lembrando que o princípio da realidade funciona de acordo com a maneira como o sujeito se relaciona com a realidade, o que supõe a presença da linguagem e, conseqüentemente, a relação do sujeito com o desejo do Outro. Seguindo esse raciocínio, Lacan indica que é, de qualquer modo, possível verificar na análise as relações de tipo oral, anal e genital que, no nível da libido, o sujeito estabelece com o mundo externo.

É a estrutura da linguagem que "nos dá a chave para entender a função do eu", diz Lacan, uma vez que a palavra tem uma função denegatória [*Verneinung*] da realidade: "a palavra foi dada ao homem para esconder seus pensamentos"[25]. Lacan considera que a função essencial do eu é muito próxima da tal negativa sistemática de reconhecer a realidade, invocada pelos psicanalistas que se ocupam das psicoses.

[25] *Ibid.*, p.32.

Nesse texto, o autor concebe a configuração de uma "anatomia imaginária" que varia segundo as idéias (claras ou confusas) sobre as funções corporais que prevalecem em uma cultura determinada: "Tudo acontece como se a imagem corporal tivesse uma existência autônoma e própria, e como autônoma quero dizer independente da estrutura objetiva. Esta imagem é seletivamente vulnerável ao longo de suas linhas de clivagem. As fantasias que revelam a clivagem podem ser agrupadas sob o rótulo de imagem do corpo despedaçado"[26].

[26] *Ibid.*, p.33.

Chama a atenção de Lacan que essas imagens, quando aparecem em análise, estejam sempre relacionadas com a elucidação dos problemas mais precoces do eu e com a revelação de preocupações hipocondríacas latentes. Sem dúvida, há uma

referência ao estádio do espelho, correspondente ao narcisismo em Freud, que marca uma conjuntura decisiva no desenvolvimento infantil e demarca uma relação libidinal essencial com a imagem corporal.

Lacan nos remete a um movimento de báscula presente na fugacidade que acompanha as variações do desejo: "Essa ilusão de unidade na qual o ser humano busca sempre seu autodomínio inclui o perigo constante de cair de novo no caos original, por bascular sobre o abismo de uma vertiginosa aquiescência que talvez seja a essência da angústia"[27].

[27] *Ibid.*, p.37.

A proposta lacaniana é que busquemos a origem da imagem do corpo despedaçado na *gestalt* da visão do conjunto da imagem corporal. Recorremos, então, ao texto de Freud O estranho, de 1919, em que se pode investigar tanto a fantasia do duplo quanto a incidência do estranho no que há de mais familiar.

Freud trabalha sobre uma idéia muito comum, ligada à estranheza originária da proximidade do complexo de castração, que é a fantasia de ser enterrado vivo por engano, "a coisa mais estranha de todas", que seria a transformação de outra fantasia que não continha nada de ameaçador, "mas caracterizava-se por uma certa lascívia" – a fantasia da existência intrauterina. Esse é o momento teórico que antecede a contribuição de Freud acerca do que se passa com o estranho expresso na experiência psicótica, ou seja, radicalmente "quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, como quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza"[28].

[28] Freud. O estranho (191/1974, p.304).

A incidência desse modo de estranhamento tem seu efeito ligado por Freud às práticas mágicas e à crença na onipotência dos pensamentos, já que traria o elemento infantil bem mais enfatizado na realidade psíquica, em comparação com o que viria da realidade material[29]. Podemos ligar à paranóia essa crença na onipotência dos pensamentos, fenômeno que aparece claramente na concepção animista do universo a que Freud se refere.

[29] *Ibid.*, p.306

Percebemos que, ao estudar a hipocondria, somos remetidos todo tempo à relação do psiquismo com o corpo, área limite entre as estruturas clínicas, pois todas, cada uma à sua maneira, têm de se haver com isso.

O tal "teste de realidade" – que traria a possibilidade de registro da realidade material dos fenômenos – nem sempre funciona, como nos diz Freud. Para explicar esse fato, ele divide

a sensação do estranho em dois grupos: o que localiza o estranho na experiência real, que provém do exterior, e o grupo em que o estranho comparece por meio de complexos infantis recalcados, do complexo de castração, das fantasias de estar no útero etc. A importância da distinção teórica se deve ao fato de que nesse segundo grupo, quando o estranho se torna presente, "a questão da realidade material não surge", seu lugar é tomado pela realidade psíquica. Se, no primeiro grupo, pode-se dizer que o recalque se apresenta em um determinado conteúdo de idéias, no segundo grupo se manifesta em sua realidade material, de acordo com Freud. Isso, contudo, "estende o termo recalque para além do seu legítimo significado"[30]. Nesse momento, Freud cita a experiência do duplo como um completo estranho, que não pode ser reconhecido, mas para além de uma experiência de susto[31], em que sobreviria, no sujeito, a possibilidade de recorrer ao "teste de realidade".

Poderíamos dizer que, na psicose, o duplo não subentende necessariamente o "teste da realidade", mas se refere mais propriamente ao segundo grupo, podendo oscilar entre algo bastante familiar e algo completamente estranho. Segundo Freud, a idéia do duplo, abordada por Otto Rank em 1914, brota "do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo". Nunca desaparecendo totalmente, essa idéia do duplo, no adulto, inverte seu aspecto: "Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte"[32].

E como se dá a constituição desse duplo no psiquismo? Não seria esse o momento de clivagem do eu, que se encarrega de fazer com que uma parte dele mesmo permaneça inconsciente? Encontramos em Freud a seguinte explicação: "Forma-se ali, lentamente, uma atividade especial, que consegue resistir ao resto do eu, que tem a função de observar e de criticar o eu [*self*] e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa 'consciência'. No caso patológico de delírios de observação, essa atividade mental torna-se isolada, dissociada do eu e discernível ao olho do terapeuta"[33].

Então, uma parte do eu pode ser transformada em objeto, pode separar-se, o que atribui à idéia de "duplo" um novo significado, diferente do que se atribui ao narcisismo superado dos primeiros anos da infância.

Seguindo o tema do "duplo", outros fatores de perturbação do eu são considerados por Freud, como o de uma regressão a um período em que o eu não se distinguiria ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas. "Acredito que

[30] *Ibid.*, p.309.

[31] Como exemplo, Freud cita uma situação em que não reconhece e antipatiza com a própria imagem no espelho de um trem.

[32] Freud. O estranho (*op. cit.*, p.294)

[33] *Ibid.*, p.294.

esses fatores são em parte responsáveis pela impressão de estranheza, embora não seja fácil isolar e determinar exatamente a sua participação nisso"[34]. Talvez somente seja possível investigar a cada caso a influência desses fatores.

[34] *Ibid.*, p.295

Ao comentar o texto freudiano sobre O estranho, Lacan faz uma distinção entre o duplo imaginário e o duplo real[35]. O momento do estranho é o momento em que a fantasia deixa de ser um jogo e perde a dimensão lúdica, passando a funcionar sozinha, de forma inquietante. Esse é o ponto que Lacan utiliza para estudar a estrutura da fantasia. Esse é o momento em que a fantasia abandona esse "como se", quando perde a dimensão significante, a metáfora que o protege.

[35] Lacan. *O seminário: A angústia (1962/1963)* (Inédito)

A ficção muitas vezes demonstra que aquilo que se inicia como jogo culmina em algo absolutamente sinistro, que acontece justamente nos lugares mais familiares. A obra de Hoffmann traz essa aparição do inquietante no familiar, no seio do mais íntimo, onde rompe subitamente a fantasia.

O momento do estranho é aquele no qual o sujeito se experimenta em sua não-autonomia de sujeito, como assinala Lacan. O sujeito é, nesse caso, puro objeto. Seu corpo não é mais imagem especular ou nada que se assemelhe a isso. Trata-se do duplo real. O objeto como causa, como essa presença que advém, é muito próximo ao sujeito, pois é seu próprio corpo e, por sua vez, o mais distante, pois é seu corpo unicamente a partir do ângulo do que é para o desejo do Outro.

Trata-se de uma experiência vivida pelo sujeito diante do desejo do Outro, exatamente o ponto no qual está desamparado como objeto e se encontra nas mãos de, à mercê de. Esse surgimento do duplo como real é – como se refere Lacan no seminário sobre a angústia – o exílio da subjetividade que a presença do desejo do Outro provoca como tal.

Não há possibilidade de confundir o caráter imaginário do duplo do sujeito – equivalente ao transitivismo na paranóia, cuja expressão se manifesta pela via da agressividade, da rivalidade – com o lugar do duplo como real, que se esboça muito claramente nos olhos arrancados do *Homem de areia*. Diana Rabinovitch[36] nos lembra que essa experiência na neurose é fugidia. Trata-se de um instante em que a estrutura da fantasia transparece. Poderíamos pensar a angústia na psicose, nomeada por Freud de hipocondria, como sendo algo mais duradouro que um instante. Uma possível diferenciação entre a angústia neurótica e a hipocondria seria da ordem da temporalidade.

[36] Rabinovich. El doble real, el fantasma y el deseo del Otro (1993)

A invasão econômica que Freud descreve, que rompe a barreira protetora e incide também diretamente no corpo, é

então para Lacan o encontro com o desejo do Outro. Tal momento é marcado pela presença da angústia primordial, o desamparo fundamental freudiano, que é aquilo que a estrutura do estranho desmascara.

O desvanecimento da cena do mundo é o que faz surgir a angústia, recordando o texto freudiano Inibições, sintomas e ansiedade. O afeto da angústia é inseparável da estranheza que o familiar subitamente adquire, momento que Freud caracteriza como ausência de significação psíquica.[37] E não é de um desvanecimento do eu que se trata na hipocondria? Temos aqui o duplo em sua vertente real incidindo diretamente no corpo.

[37] Freud. Inibições, sintomas e ansiedade (1925/1974, p.160-1).

Resta ao analista deixar a palavra com o sujeito, convidá-lo à significação, ainda que esta venha sob o crivo do delírio.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund (1894) Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia". *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. III.

FREUD, Sigmund (1895) Rascunho H.: A paranóia. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. I.

FREUD, Sigmund (1896) Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. III.

FREUD, Sigmund (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XII.

FREUD, Sigmund (1914) Sobre o narcisismo, uma introdução. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1915a) O inconsciente. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1915b) Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1916) Conferência XXIV: o estado neurótico comum. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund (1919) O estranho. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XVII.

FREUD, Sigmund (1925) Inibições, sintomas e ansiedade. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XX.

GUEDENEY, C. & WEISBROT, C. A história da hipocondria. *In:* AISENSTEIN, M.; FINE, A. & PRAGIER, G. (org.). *Hipocondria.* São Paulo: Escuta, 2002.

LACAN, Jacques. *Algumas reflexões sobre o eu.* Tradução de Oscar Cesarotto. Rio de Janeiro: papéis do Corpo Freudiano Pesquisa e Transmissão da Psicanálise, 2000.

LACAN, Jacques. *O seminário: A angústia (1962-1963).* Tradução do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Recife, 1997-98.

PLACE, Jacques.-L. L'hypocondrie: éloge de Dubois d' Amiens. *L' évolution psychiatrique.* Paris, v. 51, n. 3, p.567-86, 1986.

RABINOVITCH, D. El doble real, el fantasma y el deseo del Otro. *In: La angustia y el deseo del Otro.* Buenos Aires: Manantial, 1993.

resumo

Trata-se de uma investigação sobre o lugar da hipocondria na psiquiatria e, principalmente, na psicanálise. A hipocondria é vista como fenômeno que permeia todas as estruturas clínicas, sendo que, na psicose, está situada entre a idéia de despedaçamento corporal – experimentada na esquizofrenia – e o trabalho de reconstrução delirante – típico da paranóia. Esse trabalho do delírio permite que o sujeito se agarre a alguma significação que funciona como unidade corporal, ainda que minimamente, em sua busca por um lugar no mundo simbólico.

abstract

This article is based on a research about the place of hypochondria on psychiatry and, specially, on psychoanalysis. The authors think hypochondria as a phenomen that covers all clinical structures, but on psychosis it is placed between the idea of tearing body apart – experienced in schizophrenia – and the delirious reconstruction work – typical of paranoia. This delirious reconstruction allows psychotics to hold on some significance wich works as a corporal unity, even beeing minimal, in their search by a position at human world.